

Alfredo
Pelos palcos DA
Vida

Teatro e Política: uma estratégia pedagógica

Introdução

Em outubro de 1994 o Teatro Experimental do Negro (TEN) completou 50 anos de sua fundação e, em maio de 1995, a estréia de sua primeira montagem original, O Imperador Jones, de Eugene O'Neill, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, também comemorou 50 anos. Entretanto, essas datas não estão presentes na memória intelectual e artística do país. Poucas pessoas devem se lembrar que Abdias do Nascimento foi um de seus principais fundadores e que, entre outros, Ruth de Souza, Léa Garcia e Haroldo Costa (hoje importantes atores de teatro e televisão) começaram suas carreiras no TEN.

O TEN foi uma experiência muito rica e ambiciosa. Sua estratégia de ação se baseou no desenvolvimento simultâneo de vários níveis de atividades, ou estratégias. Nesse sentido, é muito difícil apresentar e discutir o TEN, em sua totalidade, nos limites de uma comunicação.

Não incluímos, nessa exposição, as suas realizações teatrais que, por sua dimensão e riqueza, supõem um estudo específico. Optamos pelo estudo de alguns aspectos do nível político do TEN, responsável pela organização de cursos, conferências e congressos. Destacamos, dessa estratégia, o seu caráter pedagógico que, a nosso ver, articula o conjunto das atividades do TEN e dá sentido a seu projeto político e ideológico. Como exemplo, analisamos os discursos e manifestos produzidos durante a realização da Convenção Nacional do Negro, promovida no Rio de Janeiro, em Novembro de 1945.

Em nossa análise, procuramos compreender o significado da experiência do TEN em sua particularidade, mas tendo sempre como referência o projeto do TEN em seu conjunto e o contexto de outros movimentos negros com propostas totalizadoras semelhantes. Isto é, experiências que também definiam a relação entre teatro, política e educação como sua principal estratégia - como os projetos de Aimé Césaire, outro exemplo dessas experiências.

Essa estratégia deveria permitir a esses movimentos resgatar suas raízes, romper e superar os limites históricos, políticos e culturais postos por essas mesmas raízes. Ao mesmo tempo, deveria abrir

novas formas de organização e novos caminhos de resistência para esses movimentos, no sentido de uma progressiva reelaboração da identidade negra e de construção de sua cidadania. Refazendo-se o percurso do TEN, desenha-se um universo ideológico e simbólico lançado como alternativa à situação existencial, política e social do negro no Brasil. Nesse sentido, as formulações do TEN, apesar de heróicas e inovadoras, traduzem ainda, em suas contradições, o forte efeito dominador das ideologias racistas no país.

Fundado por Abdias do Nascimento, Aguinaldo Camargo, Teodorico dos Santos, José Herbel e Tibério em outubro de 1944, o TEN irá viver um período especialmente significativo na história. Marcado pelo fim do Estado Novo, esse momento se caracteriza por um impulso renovador e democratizante, ainda que breve e frágil, e por muitas experiências artísticas e intelectuais, hoje referências fundamentais na história da cultura brasileira. Por certo, o TEN merece um lugar de destaque nessa história.

Beneficiando-se desse processo de liberalização, o TEN tentará elevar a presença negra à condição de cultura legítima e afirmar o negro como autor, ator, produtor e pensador. Ao mesmo tempo, sentirá os limites dessa 'liberalização' e viverá as contradições de seu próprio projeto. Esses limites revelam, sobretudo, o caráter excludente dos ensaios democráticos do país: ambigüidade da tolerância combinada à marginalização seletiva e, principalmente, o dramático efeito de erigir os valores dominantes em parâmetro obrigatório para qualquer movimento cultural. É o que demonstraram alguns testemunhos sobre o TEN. Seus elogios ou defesas se baseiam em valores que justamente tendem a negar ou desconhecer aspectos fundamentais da cultura negra.

Triste armadilha, que leva um movimento pioneiro como o TEN a buscar o seu reconhecimento pelos "brancos", pelas 'classes dominantes'. Ao mesmo tempo, sobretudo em sua atividade teatral, não se aproximou efetivamente do 'público negro' que, em última análise, deveria sustentar suas propostas. Tais contradições provêm da incorporação ao projeto do TEN dos valores hegemônicos postos pelas relações sociais do período. Projeto que justamente pretendia negar, e destruir, a exclusão dos negros no conjunto dessas relações.

(Resumo do Capítulo de Livro: "Teatro e Política: uma Estratégia Pedagógica", in Magaldy Téllez (ed.). Educación, Cultura y Política: ensayos para la comprensión de la Educación en América Latina. Caracas, Universidad Central de Venezuela, 1997.)